

VOZES DAS COMUNIDADES

Um jornal feito
PELAS comunidades
PARA AS comunidades

Setembro de 2019
Ano XV - Nº 15

**EDUCAÇÃO
TEM QUE SER
PÚBLICA E
LIGADA À VIDA
DO POVO.
É NÓS!**

P. 3



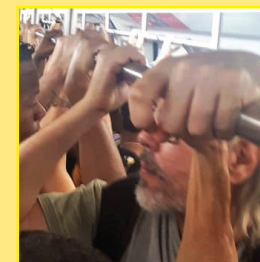
PÁGINA 4

**Reforma da
Previdência prejudica
quem ganha menos.
Muita maldade.**



PÁGINA 13

**Hortas comunitárias
estão na moda no Rio.
Sua comunidade
já tem?**



PÁGINA 6

**Deu ruim.
Preço alto das
passagens não deixa
famílias irem à praia**

EDITORIAL



O jornal **Vozes das Comunidades** chega em 2019 à 15ª edição. Ele é o resultado de um grande encontro que começou em março e se repetiu ao longo desses meses de quinze em quinze dias. Pessoas de vários lugares, vários gostos, várias lutas: nós, a turma de 2019 do Curso de Comunicação Popular do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC).

Aqui apresentamos uma perspectiva diferente sobre vários assuntos que são ignorados ou manipulados pela mídia hegemônica. Aqui fazemos comunicação para os nossos. As pautas foram definidas em conjunto e os artigos escritos por nós, num processo de cooperação e construção coletiva. Educação, reforma da previdência, mobilidade urbana, alimentação, mídia, população de rua, saúde da mulher, esporte e cultura estão em debate. A gente fala da vida dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil. A cada dia levamos um novo golpe contra nossos direitos e nossa história. Precisamos de muita força para seguir.

A primeira edição desse jornal saiu em 2005 e há alguns anos nos reunimos no dia 7 de setembro, no ato Grito dos Excluídos, para a primeira distribuição. O ato reúne movimentos sociais, sindicatos e pastorais sociais. Depois, temos a tarefa de fazer com que ele chegue em diferentes lugares da cidade. Uma união de forças de quem acredita que a comunicação pode ser feita de forma honesta com quem lê.

Boa leitura!

OPINIÃO

GRITOS DOS EXCLUÍDOS É RESISTÊNCIA!

Por Elaine Dal Gobbo



Cartaz de divulgação do Grito dos Excluídos 2019

A primeira edição do Grito dos Excluídos foi em 1995. A manifestação popular, idealizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), nasceu da necessidade de dar voz aos excluídos e excluídas. É realizado sempre no dia sete de setembro, em que se comemora a independência do Brasil, como forma de questionar se esse país é de fato independente.

Nesse ano, o Grito dos Excluídos está em sintonia com o tema da Campanha da Fraternidade 2019, que trouxe o debate sobre a necessidade de criação e fortalecimento de políticas públicas, já que a região sofre com a ausência de políticas como as de saúde, educação, transporte e segurança.

Com o lema “Este sistema não Vale!”, em referência aos crimes ambientais de Mariana e Brumadinho, cometidos pela mineradora Vale, o Grito dos Excluídos 2019 também traz a reflexão sobre a busca pelo lucro em detrimento da vida e do meio ambiente. O Grito dos Excluídos é dividido nas seguintes alas: direitos sociais, direitos humanos e segurança pública, meio ambiente e democracia.

Participarão do Grito dos Excluídos movimentos sociais, sindicatos, pastorais e coletivos, principalmente os de juventude da periferia. As alas denunciam não somente a falta de políticas públicas, mas também a violência contra a população periférica, principalmente jovens, e negros; a violência contra a mulher e fará defesa da democracia, ameaçada na atualidade por discursos de apologia à tortura.

Vozes das Comunidades

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO VITO GIANNOTTI DE COMUNICAÇÃO POPULAR

R. Alcindo Guanabara, 17, sl. 912 - Centro - Rio de Janeiro - RJ
Site: nucleopiratininga.org.br - Blog: vozsdascomunidades.org
Contatos: npiratininga@piratininga.org.br
Tel.: (21) 2220-5618 / 99628-3667

Coordenação: Luisa Santiago - Diagramação: Carlos D

Professores: Adriana Medeiros | Ana Lucia Enne | Ana Lucia Vaz | Arley Macedo | Arthur Willian | Carlos D Medeiros | Claudia Santiago | Cleber Araújo | David Amen | Eric Fenelon | Fabiana Batista | Fernando Santos | Gustavo Gindre | Igor de Sousa | Inessa Lopes | Leon Diniz | Mariluce Mariá | Michel Santos | Pablo Nabarrete Bastos | Patrícia Saldanha | Sheila Jacob | Tatiana Lima | Viviana Ribeiro

Agradecimentos: Lidiane Mosry | Adriana Giulias | Armazém do Campo | Senge-RJ | Sindipetro-RJ | Sisejufe-RJ

Equipe: Adriano Castro | Akemy Morimoto | Alexandre Bispo | Alexandre Gomes | Ana Beatriz Evangelista | Ana Beatriz Felizardo | Bárbara Amorim | Beatriz Carvalho | Denise Santos | Douglas Colarés | Eduarda Fernandes | Fabio Virgílio | Fernanda Calé | Fernando Silva | Ingrid Araújo | Juan Melo | Leticia Santos | Lorenna Endlich | Luciano França | Maciel Santos | Nathalia Iwasawa Neves | Nicolas Bezerra | Nilton Santos | Stéphanie Lira Marchuk | Thais Alvarenga | Thamires Martins | Thiago Silva | Verônica Santos Silva | Vinicius Santos



Esta publicação foi realizada pelo Núcleo Piratininga de Comunicação com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo através de fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha (BMZ)

NPC
Núcleo Piratininga
de Comunicação

OCUPA EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO CIDADÃ

A escola precisa pensar a Favela!

Se refletir sobre nós mesmos é tão importante para a formação do cidadão, por que vemos a escola ignorar nossa realidade?

Ingrid Araújo

Um senhor barbudinho, Paulo Freire, é o patrono da Educação Brasileira. Para ele, a função da escola é formar cidadãos críticos que entendam a sua realidade e que sejam capazes de transformar o local em que vivem. Como compreender a realidade em que se vive sem refletir sobre ela? As escolas localizadas em favelas ignoram o que acontece ao seu redor. O baile funk, a dança, o esporte, o tráfico e o uso de drogas ilícitas, a mistura de gentes com suas diversas religiosidades e costumes, tudo isso não está em debate dentro da escola.

Como entender os preconceitos vividos cotidianamente em nossas casas e vizinhanças, se não entendemos os processos que levaram a nordestinos, negros e brancos pobres a viverem no mesmo espaço? Como entender a falta de saneamento, luz, hospitais e escolas bem equipados se não entendemos como e por que passamos a morar em favelas? Se não entendemos como nossa vizinhança foi construída, como conheceremos as histórias da luta para garantir o pouco dos serviços que hoje temos mesmo que precariamente para assim podermos dar continuidade a elas?

A escola deveria ser espaço para aprender sobre tudo isso. Ao sair da Educação Básica, todos nós deveríamos compreender a realidade que nos cerca, primeiro nosso bairro e vizinhança, depois cidade, então estado e, por fim, país. A educação básica, que vai até o

ensino médio, deveria nos ensinar o verdadeiro passado do Brasil, para que entendêssemos como chegamos aqui e quem somos dentro desse caldeirão que é a nossa história. Somente assim estaremos preparados para praticar a cidadania plena. Somente assim estaremos prontos para votar por nós, para lutar por nossos direitos e para entender quais políticas e projetos de governo são verdadeiramente bons para nós e para nossos iguais.

O PAPEL DA ESCOLA

A escolaridade foi um dos maiores instrumentos usados pelos colonizadores para impor a sua cultura, a europeia. Algum tempo atrás, indígenas eram proibidos de falar em suas línguas maternas em espaços escolares, enquanto negros não podiam falar sobre seus Orixás com risco de duras penas, até mesmo agressões físicas ou verbais. Sendo um instrumento dos ricos, que hoje só são ricos porque exploraram nosso povo, a escola vem reproduzindo as ideias deles de Brasil.

A história que nos é contada é aquela escrita por quem está no poder. Nos contam sobre os imperadores, militares e grandes intelectuais, mas quase nada sabemos sobre os grandes líderes indígenas e quilombolas, a não ser a escravidão e o genocídio. Muito nos é contado sobre as guerras na Europa e nos Estados Unidos, mas nada sabemos sobre a África, o Oriente, nem mesmo sobre a própria América do Sul.

O MEDO DO PENSAMENTO

Esse apagamento não é por acaso. Por ser um espaço de produção de conhecimento, a escola está no meio de uma disputa ideológica que estamos vendo se espalhar por toda a sociedade brasileira nos últimos anos. Observamos ataques revestidos de reformas sendo direcionados à Educação, como a reforma do Ensino Médio e o projeto Future-se, sugerido recentemente pelo atual governo federal para das universidades públicas – um projeto que vai significar o desmonte da independência delas.

Alunos estão sendo incentivados a gravar aulas e a acusar de doutrinação ideológica professores que apenas buscam garantir aos estudantes o direito de conhecer a sua própria história a partir de um ponto de vista diferente daquele defendido pelas elites. E acabam demitidos por isso. Além dos próprios



Foto: Adriana Medeiros

ataques direcionados à figura de Paulo Freire, que defende que não há educação neutra, mas, sim, que as várias visões políticas precisam estar presentes na escola, sendo apresentadas com ética e verdade.

A presença da pluralidade de ideias nas escolas precisa ser defendida, pois é necessária

uma mudança de perspectiva. Precisamos que a escola deixe de nos dizer que devemos estudar para melhorar de vida pra sair da favela e passe a nos ensinar como nos identificarmos com o lugar em que nascemos e nos apresente maneiras de ajudarmos a transformar para melhor as comunidades em que vivemos.

POR UMA ESCOLA PLURAL E DIVERSA!

Os principais documentos da educação, entre eles o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) declaram que é um direito da criança ser educada tendo acesso à diversidade de ideias, pontos de vistas e visões de mundo. Porém, como podemos constatar, este não é um direito garantido. Na luta por esta garantia, foi assinada em 2003 a lei nº 10.639 que obriga o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana. Um tempo depois essa lei foi alterada pela lei nº 11.645, que incluiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura dos indígenas.

Até os dias de hoje, 2019, a aplicação destas leis é um desafio, sendo negligenciada por muitos professores e diretores. A falta de fiscalização e incentivo acaba retirando de muitas crianças o direito de ter suas histórias de vida e de suas famílias reconhecidas e valorizadas em espaço escolar.

DESMONTE DA SEGURIDADE SOCIAL

Reforma da previdência ataca brasileiros

Governo Bolsonaro planeja mudar as regras da aposentadoria e diminuir valor de benefícios

Adriano Castro, Fernanda Calé, Leticia Santos, Lorenna Endlich, Nilton Santos e Thiago Silva

Neste ano, a previdência social ganhou destaque na mídia por causa da Proposta de Emenda à Constituição n. 6/2019, que está em votação em Brasília. A PEC prevê o fim da aposentadoria por tempo de contribuição, com o aumento da idade mínima para homens (65 anos) e mulheres (62 anos).

Segundo a professora da UFRJ e pesquisadora de políticas sociais Sara Granemann, o sistema previdenciário brasileiro é o maior programa social de distribuição de renda das Américas, beneficiando direta e indiretamente cerca de 102 milhões de trabalhadores. Ela também afirma que não existe rombo da previdência. “Pelos dados disponíveis no Portal Transparência é possível verificar que não existe déficit. A maneira como a previdência foi construída garante uma sólida estrutura financeira em que uma parte do

dinheiro vem da contribuição do trabalhador, e outra parte é recolhida através dos tributos às empresas”.

Para Maria Lúcia Fattorelli, coordenadora nacional da Auditoria Cidadã da Dívida, o debate sobre a previdência é desonesto. Em audiência pública da Comissão de Direitos Humanos, ela ressaltou que a PEC não combate os desvios históricos que ocorrem na Previdência desde a década de 70. Dentre eles: os benefícios fiscais concedidos aos bancos, transferindo a culpa da crise para o aumento da longevidade do povo brasileiro.

O governo já aprovou o Orçamento Federal para 2019 e as despesas com a previdência estão previstas para R\$ 625 bilhões, metade do valor arrecadado anualmente pelo INSS. Com esses dados é possível observar que o rombo das contas governamentais é causado pelos gastos financeiros com a chamada



COMO ANDA O PROJETO EM BRASÍLIA

A reforma da previdência foi enviada ao Senado após ser aprovada pela Câmara dos Deputados no dia 10 de Junho. Para avançar, a proposta sofreu algumas modificações, como a redução da idade mínima de aposentadoria para policiais federais. Até o fechamento desta edição, a reforma aguardava a votação. Os senadores esperam votar a proposta até outubro. Se aprovada, as novas regras para obter os benefícios sociais afetarão principalmente os trabalhadores e a população pobre.

SAIBA QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS MUDANÇAS

- Fim da aposentadoria por tempo de contribuição
- Aumento da idade mínima para a aposentadoria
- Novas regras que dificultam o ganho do valor total do benefício
- Redução da pensão para viúvas, viúvos e órfãos, inclusive, pessoas com deficiência

A PREVIDÊNCIA AO LONGO DA HISTÓRIA

1889

Otto Von Bismarck cria, na Alemanha, leis de previdência que garantiam seguro obrigatório em casos de acidentes de trabalho, invalidez, doenças graves e no envelhecimento.



1890

No Brasil, têm início os benefícios para funcionários públicos da Marinha, da Fazenda e da Estrada de Ferro Central do Brasil

1923

Com a Lei Eloy Chaves, foi criada uma Caixa de Aposentadoria e Pensão (CAP) para ferroviários. Nesse ano, também é criado o Conselho Nacional do Trabalho.



1930

É criado o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que passa a cuidar das questões relacionadas à previdência. Os CAP's são substituídos pelos IAPs (Institutos de Aposentadoria e Pensões), centralizando as ações no governo e passando a funcionar por todo o país.

1950

O perfil da população muda, as categorias se multiplicam e os Institutos (IAPs) começam a ficar incapazes de resolver compromissos financeiros.



PREVIDÊNCIA

VEJA COMO VÃO FICAR AS NOVAS REGRAS SE A REFORMA FOR APROVADA

COMO FUNCIONA A PREVIDÊNCIA

A previdência social é um seguro que garante uma renda quando a pessoa não puder mais trabalhar. As contribuições dos trabalhadores ativos servem para custear os benefícios dos inativos.

A contribuição com a previdência é obrigatória para todos os trabalhadores de carteira assinada. Inclusive, autônomos podem contribuir. Apenas professores e servidores públicos possuem um sistema especial de previdência.

FICA LIGADO!

CAPITALIZAÇÃO E PREVIDÊNCIA RURAL

Vistos inicialmente como obstáculos para o futuro da nova previdência, o modelo de capitalização e a previdência dos trabalhadores rurais estarão fora do parecer sobre a reforma.

As mudanças propostas para a previdência rural foram a determinação da idade mínima de 60 anos para aposentadoria de homens e mulheres do campo e a contribuição mínima de 20. Atualmente, há uma idade mínima de 55 anos (mulher) e 60 (homem) e um tempo mínimo de 15 anos em atividade rural.

Já para a capitalização, a alteração seria na criação de um modelo de poupança em que o trabalhador garantiria sua aposentadoria no futuro. Ou seja, substituindo a ideia de repartição existente no modelo atual, em que os trabalhadores ativos bancam quem está aposentado. Porém, o valor dos benefícios só baixou e o processo é mais demorado.

MULHERES: AS MAIS PREJUDICADAS

As mulheres são as mais prejudicadas se a reforma for aprovada. De acordo com a proposta, elas vão ter que trabalhar sete anos a mais.

Outra mudança que prejudicará os trabalhadores é o pagamento do abono salarial do PIS/Pasep (um salário mínimo por ano). Hoje, todos que ganham até dois salários mínimos recebem o benefício. Se a reforma for aprovada, só terá esse direito

quem ganha até um salário mínimo. Ou seja, cerca de 23 milhões de trabalhadores será prejudicados.

“A previdência é o segundo maior orçamento público. É tanto dinheiro que o governo quer fazer a reforma para transformar em capital. A contrarreforma da previdência é uma expressão importante da luta de classes”, explica a professora Sara Granemann



COMO É HOJE!

COM A REFORMA

CATEGORIA	COMO É HOJE!		COM A REFORMA	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
IDADE MÍNIMA	65 anos + 15 de contribuição	60 anos + 15 de contribuição	65 anos + 20 de contribuição	62 anos + 20 de contribuição
POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO	35 anos de contribuição	30 anos de contribuição	Fim da aposentadoria por tempo de contribuição	
GANHO DE 100% DO BENEFÍCIO	65 anos + 15 de contribuição	60 anos + 15 de contribuição	40 anos de contribuição	
PENSÃO POR MORTE	100% da aposentadoria + 100% da pensão		Corte de até 50% no benefício de menor valor	

CATEGORIA

IDADE MÍNIMA

POR TEMPO DE CONTRIBUIÇÃO

GANHO DE 100% DO BENEFÍCIO

PENSÃO POR MORTE

1960

É criada a Lei Orgânica da Previdência, que tinha por objetivo uniformizar os direitos estabelecidos nos IAPs. Incluiu benefícios como auxílio-natalidade, auxílio-funeral e auxílio-reclusão, porém, em sua maioria, para trabalhadores urbanos.

1963

Trabalhadores rurais são incluídos através do Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (FUNRURAL)



1966

Criação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) – que hoje é conhecido como INSS - transformando a administração da previdência em uma só.



1967

Durante a ditadura, com o objetivo de evitar protestos que abalasses o regime, uma constituição é criada com alguns direitos como salário mínimo, salário família, a proibição de diferenciação de salários por conta de sexo, cor e estado civil, jornada de trabalho de oito horas, férias remuneradas, entre outros. Uma inovação foi, principalmente, o seguro desemprego.

1988

É criada a constituição que se mantém até hoje. A arrecadação para a Previdência vem de empregadores e empregados, mas cabe ao Estado o papel de organizar e distribuir os recursos de acordo com a legislação.



2019

A Câmara dos Deputados aprova mudanças para a aposentadoria, prejudicando a maioria dos trabalhadores brasileiros.



TRANSPORTE PÚBLICO

Preço das passagens deixa a

Passagens caras e longa duração dentro do transporte público são os principais desafios da população da Zona Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense para chegar à praia

Por Akemy Morimoto, Ana Beatriz Evangelista, Juan Melo e Vinícius Andrade

"Surfista Zona Sul, vai da Barra pro Havaí. Surfista Zona Norte da central a Japeri. Quem não tem prancha vai de trem, o importante é surfar..." Os versos do funk "Rap do Surfista" que embalou os anos 2000 ainda retratam a realidade de muitos surfistas da periferia do Rio de Janeiro. E não só deles: famílias da Baixada Fluminense e do subúrbio carioca enfrentam longos trajetos, transportes públicos cheios e um alto custo de passagem para chegarem à praia. É preciso economizar para aproveitar o Rio de Janeiro vendido no cartão postal.

Os moradores da Zona Norte, Oeste e Baixada Fluminense precisam de no mínimo dois transportes para curtirem um dia de sol na beira do mar. A média de gasto é de R\$ 17 de passagem já com a integração do Bilhete Único. Segundo dados do Ipea Data, entre 2010 e 2018, o preço da integração intermunicipal subiu 94%, enquanto o salário mínimo aumentou 82%. O que dificulta ainda mais a ida à praia.

Mas, os problemas não

se resumem só ao custo. O caminho até a orla é longo e as dificuldades são enormes. Depois de nove meses sem ver o mar, a moradora da Penha, Carolina Fernandes, que foi com a filha e o primo à praia, planejou o passeio por mais de um mês. A antecedência é por causa do valor alto da passagem e alimentação. "É muito difícil eu vir a praia. A última vez foi em novembro do ano passado".

A carioca levou cerca de uma hora para chegar com a família no Posto 10 da praia de Ipanema, Zona Sul da capital fluminense. Para chegar até o trajeto final, o transporte mais barato é o ônibus da linha Penha-Ipanema com a numeração 483. O gasto médio da família é de R\$ 16,20 sem contar com a criança de quatro anos que não paga a tarifa.

Já a moradora do Morro do Fallet, em Santa Teresa, Isabel Cristina, chamou os amigos pelo WhatsApp e em 15 minutos chegou à praia de Ipanema para curtir o domingo de sol. "Eu desço do morro e já estou no ponto. Pego o 426. É tranquilo, a gente chega aqui rapidinho", afirmou.



SANTA TERESA • ZS

"EU DESÇO DO MORRO E JÁ ESTOU NO PONTO"
ISABEL CRISTINA

NEM TUDO É SÓ DIVERSÃO

A praia é lugar de lazer, mas também pode ser ambiente de trabalho. É o caso da ex-moradora de Nova Iguaçu, Tami Araújo, de 32 anos, vendedora na praia de Ipanema há cerca de um ano e meio. Ela decidiu investir na venda de salgados na orla, mas percebeu que o custo de passagem somado ao tempo de viagem para ir e voltar de Nova Iguaçu, não compensa. "Eu levava três horas e gastava trinta reais só de passagem", revela Tami.

Segundo os últimos dados emitidos pelo CENSO/IBGE, a Região Metropolitana do Rio de Janeiro apresenta o maior tempo de deslocamento Casa-Trabalho do país. É uma média de duas a quatro horas por dia.

Por isso, Tami decidiu alugar uma casa no morro do Cantagalo, em Copacabana, para ficar mais próxima da praia e conseguir trabalhar. Mas, a vendedora teve que deixar a filha de 13 anos em Nova Iguaçu e a visita somente aos finais de semana.



NOVA IGUAÇU • ZO

"EU LEVAVA TRÊS HORAS E GASTAVA QUASE TRINTA REAIS SÓ DE PASSAGEM"
TAMI ARAÚJO

A ambulante reclama da desigualdade social e da segregação existentes da Baixada Fluminense: "Nós somos reclusos. E eu acho que o valor da passagem deixa isso ainda mais em evidência. É incompatível com o valor que um morador da Baixada recebe de salário".

A região apresenta a menor renda mensal por pessoa do Rio de Janeiro. Segundo o último Mapa da Desigualdade, da Casa Fluminense, um cidadão de Japeri, um dos municípios mais pobres da Baixada Fluminense, ganha apenas R\$607 por mês.

A declaração de Tami evidencia a falta de interesse do

poder público em construir uma locomoção eficiente e de baixo custo entre Baixada Fluminense e Zona Sul. Os dados da Casa Fluminense mostram que, os municípios com maior percentual de pessoas que precisam sair de suas cidades para trabalhar são na Baixada: Mesquita (60%), Japeri (55%), Belford Roxo (52%), Nilópolis (52%) e Queimados (50%).

Mesmo com a enorme demanda, seja para ir à praia ou ao trabalho, a maioria dos municípios da região a Baixada Fluminense, não possui linhas expressas para diversas áreas centrais da cidade ou para a zona sul, com baixo custo.

PRA QUE TERRITÓRIO?

a praia longe dos cariocas

PARA A ZONA SUL

BAIXADA FLUMINENSE



Aproximadamente
3h30min



Aproximadamente
R\$25,60
(ida e volta)

ZONA NORTE



Aproximadamente
1h20min



Aproximadamente
R\$16,20
(ida e volta)

ZONA OESTE



Aproximadamente
2h20min



Aproximadamente
R\$17,60
(ida e volta)

PARA A BARRA DA TIJUCA/RECREIO DOS BANDEIRANTES

BAIXADA FLUMINENSE



Aproximadamente
4h



Aproximadamente
R\$22,50
(ida e volta)

ZONA NORTE



Aproximadamente
1h40min



Aproximadamente
R\$16,20
(ida e volta)

ZONA OESTE



Aproximadamente
2h15min



Aproximadamente
R\$16,50
(ida e volta)

Surfista da Zona Norte leva a prancha no trem...

“Surfista Zona Sul, vai da Barra pro Havá. Surfista Zona Norte da central a Japeri. Quem não tem prancha vai de trem, o importante é surfar...”

A famosa produtora “Furacão 2000” propagou o funk carioca para todo Brasil no início do século XXI, mostrando através das letras a realidade da população periférica do estado fluminense. Uma das canções é o “Rap do Surfista” que evidencia a situação dos que moram longe da praia. Depois de quase duas décadas, a música ainda retrata o cenário dos praticantes do esporte.

Surfistas da Zona Norte ou de áreas distantes enfrentam várias dificuldades para chegarem à praia, principalmente por causa da mobilidade. A ex-surfista Mariana Chagas, de 20 anos, desistiu do hobby por não conseguir arcar com os valores das passagens.

Moradora de Niterói, a estudante gastava cerca de R\$17 para praticar o esporte. Era necessário dois ônibus para chegar à praia do Recreio, onde ela era bolsista de uma escola de surf. Com isso, o sonho de ver o hobby se tornar sua profissão foi interrompido pela falta de políticas públicas que diminuíssem o custo da passagem.

Os obstáculos não estão somente no valor da tarifa. A surfista Samara Manhães, de 18 anos, moradora da Baixada Fluminense, além de demorar cerca de três horas no trajeto até a praia, conta que também é comum ser barrada com a prancha nos ônibus. “Na época que comecei a surfar, tinha uma prancha 6’0 que cabia no ônibus. Mesmo assim, vários motoristas não me deixavam entrar, mas sempre fui teimosa e esperava o próximo transporte”.

Da Zona Sul à Zona Norte, o que os surfistas querem é navegar. Mas para isso, os preços e as linhas dos transportes do Rio de Janeiro precisam mudar.

MOVIMENTOS SOCIAIS

DISPUTA DE NARRATIVA

Sem Terras organizam coletivo estadual de educadores nos territórios

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Rio de Janeiro constrói experiências educacionais para a formação de comunicadores populares do movimento

Coletivo de comunicação do MST-RJ

Desde o ano 2017 o MST vem traçando estratégias educacionais nos assentamentos com o objetivo de compor no ano 2020 seu próprio setor de comunicação estadual, capaz de produzir uma comunicação popular camponesa com foco na reforma agrária popular.

Tendo a Feira Estadual Cícero Guedes como pontapé inicial, forjou-se um método de formação da militância antes e durante a Feira Estadual, espaço demarcado como Patrimônio imaterial do Rio de Janeiro, que acontece anualmente no mês de dezembro, no Largo da Carioca, no centro do Rio.

A feira é um espaço político-pedagógico que reúne militantes da Reforma Agrária com o objetivo de fortalecer da memória de luta, vender produtos agroecológicos da Reforma Agrária e levar a cultura camponesa para a cidade.

É um espaço ideal para produção de comunicação popular.

Durante os dias da feira, o Coletivo de Comunicação conversa sobre teoria e prática e põe em prática, na própria feira, ferramentas de comunicação. Isso também é feito em outros estados, e no Festival de Arte e Cultura da Reforma Agrária Popular.

Para nós, a comunicação está em todos os espaços e territórios da luta de classes. Usamos

diversas linguagens da comunicação popular tais como audiovisual, fotografia, produção de conteúdo, escolarização e alfabetização, utilização das redes sociais e produção de serigrafias.

Essa forma de fazer comunicação fortalece a comunicação do MST. E assim, construímos o coletivo Estadual de Comunicação do MST.

O coletivo atua diretamente em feiras, espaços de venda, cursos, acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária.

OBJETIVOS DO COLETIVO

1. Organizar a militância
2. Construir um setor de comunicação estadual que tenha capacidade de produzir, reproduzir e conduzir processos educacionais
3. Criar veículos e meios autônomos de Comunicação do MST para fortalecer a luta política
4. Fortalecer o diálogo com a sociedade civil, se apropriando das narrativas em disputa e das tecnologias de informação
5. Realizar uma formação permanente de nosso coletivo para avançar na concepção ideológica e nível de consciência



SERIGRAFIA POPULAR ITINERANTE

Uma forma de autossustentação

A serigrafia popular produzida pelo Coletivo de Comunicação do MST cumpre um papel muito importante na produção de símbolos, memória coletiva e identidade. Através da produção e confecção de camisetas, bandeiras, painéis, aventais, e estandartes fortaleceram a comunicação nos acampamentos e assentamentos do MST, e também com a sociedade.

É uma forma que o coletivo de comunicação do MST-RJ encontrou para ter autonomia e autossustentação financeira, para poder gerir os processos formativos do próprio coletivo. Através dos recursos geridos da serigrafia são feitos cursos de formação, deslocamentos da militância, aquisição de equipamentos e formação de novos militantes.

A serigrafia itinerante envolve todos os participantes com o processo produtivo, pois as artes produzidas possuem a identidade do movimento.



Coletivo de Serigrafia Popular durante a 10ª Feira Estadual da Reforma Agrária Cícero Guedes

O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO?

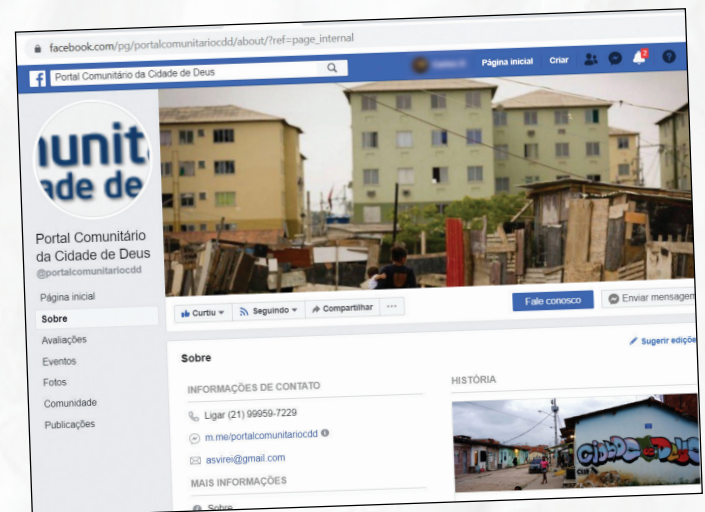
É um processo de formação em Comunicação Popular que mistura os métodos de Educação Popular com comunicação com foco no prática e no afeto.

REDES SOCIAIS

Guia de comunicação digital para iniciantes

Stéphanie Marchuk

Pensar em internet e não pensar em redes sociais se tornou algo impossível. Plataformas como o Facebook, Instagram, Twitter, Youtube e Whatsapp são utilizadas por 62% da população brasileira, segundo o relatório "Digital in 2018: The Americas". Com isso, movimentos, projetos e organizações investem nas redes sociais, como o **Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC)**, a página **Maré Vive** e o **Portal Comunitário da Cidade de Deus**.



ENTENDA COMO UTILIZAR AS REDES SOCIAIS A SEU FAVOR



Facebook, Instagram e Twitter

Utilize frases curtas e de fácil entendimento. Conheça seu público e utilize a linguagem dele.

Imagens

O ideal é que as publicações possuam imagens, de preferência no formato 1200 x 1200 pixels no Facebook e Instagram e 900 x 950 pixels no Twitter.

Uma dica para quem não domina ferramentas de edição de imagens é utilizar o site canva.com. No site, é possível encontrar imagens para todas as redes sociais, sendo necessário apenas que você preencha as imagens com as informações que você precisa.

Hashtags (#)

O uso de hashtags é essencial para que seu conteúdo seja notado. Por meio delas é possível que suas publicações apareçam em resultados de pesquisas. É recomendado que se use no máximo cinco hashtags e que elas descrevam seu material. #ficaadica

Não se esqueça de checar as informações antes de disseminá-las! Cuidado com as mentiras que circulam pela rede. Busque sempre veículos de notícias confiáveis e alinhados com seus ideais.

Para saber mais, acesse:

- <https://nucleopiratininga.org.br/>
- <https://www.canva.com>
- <https://enoisconteudo.com.br/>
- <https://rockcontent.com/blog/>
- <https://gatomidia.com/>
- <https://pt-br.facebook.com/espocc/>

SOCIEDADE

Fraudes nas cotas raciais prejudicam os mais pobres

Branco se autodeclaram negros e roubam suas vagas

Alexandre Bispo e Luciano França

Criadas no ano de 2001, as cotas raciais tinham como objetivo aumentar o número de pessoas negras nas universidades públicas e nos cargos da administração pública. De acordo com o IBGE, mesmo sendo mais da metade da população, os afrodescendentes apresentam os piores índices de desenvolvimento humano.

Isso ocorre porque, após a Abolição da Escravatura, os ex-escravizados foram abandonados à própria sorte. Alguns se organizaram em quilombos. Muitos ocuparam as favelas que temos hoje em dia em todo o território nacional.

Ao invés de criar políticas públicas de educação, moradia e renda para os afrodescendentes, os governantes se preocuparam apenas em incentivar a eugenia (“embranquecimento”) da população brasileira. Foi por esta razão que o Estado brasileiro estimulou a vinda de milhares de imigrantes europeus pagando passagens de navio e até prometendo doação de terras. Não foi fácil para esses imigrantes serem explorados nas fazendas de café. Porém, com políticas públicas de auxílio, eles saíram da condição de miseráveis para um patamar de alto padrão de vida, cem anos depois. Enquanto os negros foram até impedidos de frequentar escolas públicas.

Outra forma de exclusão foi a Lei de Terras de 1850. Ela impediu o direito dos negros de terem um pedaço de terra, pois exigia registros caros em cartório na hora de efetuar a compra.

COTAS TENTAM DIMINUIR A DESIGUALDADE NA EDUCAÇÃO

A política de cotas veio justamente para tentar amenizar a desigualdade entre brancos e negros. Ou seja, aqueles que estudaram em escolas públicas podem disputar o ENEM com os seus iguais e não com aqueles que frequentaram escolas particulares.

Cursar uma universidade particular custa caro. Se preparar para concorrer a um concurso público mais ainda. São anos de estudos e dedicação.

Aproveitando a brecha da autodeclaração, muitos brancos começaram a fraudar o siste-

ma de cotas se autodeclarando negros. Há também a omissão da documentação de pais e parentes para forjar uma falsa condição de baixa renda.

Os cursos mais fraudados costumam ser Medicina, Engenharia e Direito. Uma faculdade de medicina custa em média 10 mil reais por mês, fora os custos com livros, alimentação e transporte. Por isso, é muito mais econômico fraudar o acesso à universidade pública. Ainda mais quando se pode contar com a conivência de alguns reitores, diretores e professores das próprias universidades. Em cada semestre, 20% das vagas deveriam ser preenchidas por estudantes negros. Isso não ocorre. É óbvio que tem algo muito errado acontecendo.

Em relação a concursos públicos, o programa Fantástico, da Rede Globo, fez uma reportagem a respeito. Um homem branco usou maquiagem para apresentar aparência de negro e assim fraudar o concurso para técnico do INSS. Ele usou até lentes de contato escuras para disfarçar seus olhos claros.

IMPUNIDADE INCENTIVA AS FRAUDES

Os alunos negros até que se esforçam para tentar impedir as fraudes, mas é muito difícil sem a ajuda do Ministério Público.

Suêlen Augusta de Souza é integrante do Coletivo Cláudia Silva Ferreira da Faculdade Nacional de Direito – UFRJ. Ela se diz perplexa com a cara de pau dos brancos fraudadores. “Eles dizem que nada vai acontecer mesmo, basta se autodeclarar e pronto. Não estão nem aí para os pobres de quem eles roubaram as vagas.”, relata.

A Educafro é uma associação que trabalha pela inclusão de negros no ensino superior e em cargos de administração pública. Frei David, seu diretor executivo, diz que a demora na punição dos fraudadores estimula os brancos mal-intencionados a roubarem as vagas e os sonhos dos mais pobres.

Tanto a Educafro quanto o Coletivo Cláudia Silva Ferreira já fizeram muitas denúncias. Reuniram e entregaram ao Ministério Público uma grande quantidade de fotografias e documentos. Mas, não obtiveram grandes resultados.

SAÚDE DA MULHER

Adolescentes e suas transformações

Verônica Silva,
Beatriz Carvalho e
Denise Santos

Informação e cuidado podem melhorar a vida das mulheres



Jovens com idades entre 10 e 19 anos são considerados adolescentes. É uma fase de muitas mudanças e descobertas, que influenciam diretamente no comportamento e no convívio social e na qual geralmente acontecem as primeiras experiências sexuais. Debater sobre sexualidade nos dias atuais ainda pode ser considerado um tabu, mas é cada vez mais necessário.

Doenças sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada, por exemplo, poderiam ser evitados com um diálogo aberto por parte da família, da escola, da sociedade e principalmente dos serviços de saúde pública.

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA REALIDADE

A gravidez na adolescência é uma das maiores causas de evasão escolar. No caso das mulheres negras e moradoras de favelas, as chances de recomeçar os estudos são mínimas.

Em lugares periféricos, a ação das organizações não governamentais pode ser uma alternativa de ajuda para as jovens mães. Um exemplo é a Casa Dona Amélia, na Cidade de Deus. O objetivo do projeto social é ser uma espaço de acolhimento para mulheres, mães e crianças da região.

Diante desse cenário, os profissionais de saúde devem aproveitar todas as oportunidades de contato com adolescentes e suas famílias para promover a reflexão e a divulgação de informações sobre temas relacionados à sexualidade e à saúde reprodutiva.

É importante respeitar os valores morais, sócio-culturais e religiosos do adolescente que está sendo atendido, mas as orientações devem abranger todos os métodos recomendados pelo Ministério da Saúde.

CONFIRA ALGUMAS DICAS!

- Reconhecer a individualidade do adolescente, estimulando-o a assumir a responsabilidade com sua própria saúde. O respeito à sua autonomia faz com que eles passem de objeto a sujeito de direito.
- Os adolescentes de ambos os sexos têm direito à educação sexual, ao sigilo sobre sua atividade sexual, e, garantido por lei, o acesso gratuito a métodos contraceptivos.
- A prescrição de anticoncepcionais deverá levar em conta a solicitação dos adolescentes, respeitando-se os critérios médicos.
- Na internet podem ser encontrados aplicativos que ajudam na escolha de métodos contraceptivos e tiram dúvidas sobre sexualidade. O Partiu Papo Reto é um exemplo. Esse aplicativo foi construído pelos próprios jovens para tratar do tema.

ALIMENTAÇÃO

MOVIMENTO AFRO VEGANO

Coletivo resgata o protagonismo dos pretos na alimentação

Ana Beatriz Felizardo

Você já deve ter ouvido falar sobre veganismo por aí. Basicamente, ser vegano é deixar de consumir qualquer tipo de produto de origem animal. Assim como a alimentação, esta restrição inclui roupas, calçados e cosméticos. Mas, para além dessa definição, é importante acentuar que o veganismo é uma atitude política. Para questionar o direcionamento da prática vegana às elites, em 2015 jovens pretos e periféricos criaram o coletivo Movimento Afro Vegano (MAV). Eles partiram da inquietação de o espaço vegano ser predominantemente branco e não fazer um recorte racial.

Os integrantes decidiram se articular após um ato racista ocorrido em um restaurante vegano na cidade de São Paulo. Outro elemento importante foi a necessidade de lutar por um corpo preto vivo e saudável para fortalecer as lutas antirracistas. Pois, segundo a administradora pública e afro-empresendedora Daiana Lima, “não há transformação social a partir de corpos sociais doentes”.

Para Daiana, participante do MAV, os pretos precisam lutar pelos animais, mas não apenas. Também devem lutar contra o extermínio da população negra, a falta de acesso à educação, a fome que ainda atinge grande parte da população e outras pautas. A ideia do veganismo negro é lutar para que haja um debate sobre esses temas e garantir que o racismo não seja perpetuado nos espaços veganos.

A afro-empresendedora declarou que o objetivo do coletivo é reafirmar que a alimentação à base de vegetais aproxima a população negra da história e da cultura do continente africano. “A gente descobre, a partir de estudos, que a alimentação na África era mais centrada nos vegetais do que em origem animal”, disse.

A participante do coletivo destacou que, no Brasil, a população negra tem acesso ao que se chama de desertos alimentares. Há bairros e periferias em que não se encontram verduras e legumes frescos. Apenas muitos alimentos enlatados, industrializados e processados. “Quando você está na base da sociedade, muitas vezes não tem oportunidade de debater e pensar sobre temas que são vistos como superficiais. Hoje, quem come os piores alimentos e tem menos acesso à informação somos nós, negros. Então a gente quer provar que é possível ter uma alimentação vegana saudável e que isso também nos pertence”.

A realidade de hoje reflete as formas de sobrevivência do povo negro ao longo da história. De acordo com Daiana “os negros tinham que se adaptar com os restos de alimentos que eram dados para eles. Então muitas receitas, como mocotó, feijoada, Sarapatel, coisas bem pesadas, são atribuídas à população negra como se fossem originais de nossos povos, mas não. São comidas que foram elaboradas a partir de um processo de expulsão de nossas terras que a escravidão nos trouxe”, contou.



Jovens pretos se articulam para fortalecer a atuação de um veganismo mais acessível e popular

VEGANISMO POPULAR

Ser vegano é, também, abrir possibilidades para novos paladares. Quantos alimentos têm potenciais incríveis escondidos e não se faz ideia? Não dá para saber a quantidade de pratos que dá para fazer com uma berinjela, por exemplo.

A consultora de viagens e também integrante do MAV, Caroline Silva, nos contou um pouco da sua rotina alimentar. “Eu moro na Baixada Fluminense e trabalho no Centro do Rio. Eu passo grande parte do meu dia na rua, então eu faço muitas marmitas de frutas, de petiscos para comer durante o dia e a marmita do almoço. São coisas básicas, como arroz, feijão, salada, legumes. A galera acha que ser vegano é coisa de outro mundo, na verdade é só tirar o ovo ou a carne do seu prato”.

ATIVIDADES DO GRUPO

Hoje o MAV está presente nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia. Dentre as atividades do grupo aqui no Rio estão encontros mensais pela região da Baixada Fluminense, Madureira e praias da cidade. Nestes encontros, os participantes fazem piqueniques e rodas de conversa sobre veganismo.

O último evento organizado pelo grupo foi o Circuito Afro Vegano, na Casa Naara, Centro do Rio de Janeiro. Houve palestras, música e culinária. No dia do evento, o MAV fez uma ação social direcionada para o Santuário Salvando Vidas, ONG que resgata e protege a média de 500 animais vítimas de maus-tratos e abandono.

O próximo Circuito Afro Vegano acontecerá em São Paulo, com data e local a definir. Para acompanhar a programação do coletivo é só seguir a página do Instagram @movimentoafrovegano.



Diana Lima contou que povos da África não domesticaram o gado, logo os antepassados não tinham o costume de tomar leite

COMER É UM ATO POLÍTICO

Um das discussões centrais do movimento vegano é o não consumo do leite. Mas por que não consumir leite? Para movimentar a indústria de laticínios as vacas são direcionadas a diversos tipos de maus-tratos. Como, por exemplo, a exploração do sistema reprodutor feminino do animal. Este procedimento é realizado através de uma imobilização da vaca, para assim, seguir com a “inseminação artificial” através de um instrumento de metal. Os ativistas defendem que se este método fosse aplicado em humanos seria chamado de estupro.

Além disso, estes animais consomem antibióticos, isto também afeta a nossa saúde de forma negativa. Outro fator prejudicial é o fato do leite permanecer durante vários meses nas caixinhas de embalagens. Para isto, o produto recebe diversos reagentes químicos para manter-se com a cor branca. É um processo destrutivo da cadeia alimentar como um todo. É importante pesquisar sobre o assunto.

ALIMENTAÇÃO

DROGA NAS PRATELEIRAS

Alimentos ultraprocessados: a droga do século XXI

Divulgação Favela Orgânica

O aumento do consumo de comida superindustrializada é uma ameaça à saúde individual e coletiva no Brasil

Nathália Iwasawa Neves

É sábado, dia de supermercado. A família toda se arruma pra ir. Pai, mãe, vó, vó, filhos e filhas. Todo mundo quer participar desse momento de compras pra casa, escolher algumas guloseimas, e comprar o presunto e o queijo pra semana. Às vezes, dá até pra descolar um chocolate na promoção, ou até mesmo um sorvete! As crianças se empolgam, não dá pra levar de barriga vazia, senão... passar pelo corredor de biscoito só se for com limite de coisas pra pegar, tem que negociar!

O consumo desses alimentos ultraprocessados - misturas que envolvem várias etapas e técnicas de processamento e muitos ingredientes, como sal, açúcar, óleos e gorduras e substâncias de uso exclusivamente industrial - tem aumentado no Brasil. De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira, do Ministério da Saúde, "estão perdendo força sistemas alimentares centrados na agricultura familiar, em técnicas tradicionais e eficazes de cultivo e manejo do solo". Ou seja, a população brasileira tem se afastado do campo e também

da alimentação baseada em alimentos frescos, que vem direto da terra.

Também de acordo como Guia, os alimentos ultraprocessados favorecem o desenvolvimento de doenças do coração, diabetes e vários tipos de câncer, além de contribuir para aumentar o risco de deficiências nutricionais. Além disso, são produzidos a partir da indústria de alta tecnologia que destrói o meio ambiente. Fabricados em laboratório com base em petróleo e carvão, combustíveis fósseis não renováveis, demoram anos para se formar na natureza. Os imensos complexos industriais para a produção geram poluentes que vão parar na terra, na água e no ar. As plantações em larga escala que produzem a matéria prima arruinam ecossistemas, diminuem a biodiversidade, o que compromete diretamente a qualidade de vida do planeta. Tudo isso, sem falar da quantidade de plástico e outros materiais que são usados na produção e nas embalagens. Quase nunca são reciclados e vão parar nas ruas, entupindo a rede de esgoto nas cidades e comprometendo a

vida marinha quando vão para os oceanos. Todos esses motivos já deveriam ser suficiente para esses produtos serem proibidos.

KIBON NO ALEMÃO. BOM PRA QUEM?

A indústria dos ultraprocessados não está pra brincadeira. São corporações imensas, como a Nestlé, e a 3G Capital, que hoje é dona da Ambev e da rede Burguer King. Todo esse complexo de mercado está amparado também pela mídia, na propaganda e na publicidade. A Kibon, empresa famosa no ramo de sorvetes, patrocinou a instalação de bondinhos no teleférico do morro do Alemão em 2013. A estação chegou até a ganhar o nome da empresa. Segundo Inês Rugani, professora do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (INU/UERJ), o caso da Kibon não está isolado de outras ações dessas imensas corporações. "Essa é uma prática muito recorrente, é um caso de de uma política corporativa, que busca associar a imagem da empresa à divulgação dos seus produtos em áreas de baixa renda". E conclui: "Essa é uma prática que muitas transnacionais fizeram em vários países. No Brasil, não foi só no Alemão. Temos o caso do barco da Nestlé que vai até às famílias ribeirinhas no Amazônia".

Para ela, o diálogo entre a mídia e a indústria dos ultraprocessados têm sido o de criação



de um fantasia, da promessa da felicidade. "Tem uma coisa que é a ideia de se ter uma vida agitada e essa alimentação permitir que você não gaste tempo preparando a sua comida". Todo esse processo do cotidiano influencia na forma como a gente se alimenta, e a indústria se aproveita disso apresentando alimentos mais convenientes. "Eles estão por todo esse percurso, nos trajetos urbanos você consegue comprar" ainda completa.

HÁ ESPERANÇA NA BABILÔNIA E NO CHAPÉU MANGUEIRA!

Para democratizar o acesso à informação sobre a indústria dos produtos alimentícios, o projeto Favela Orgânica atua desde 2011, na Babilônia e no morro do Chapéu Mangueira, zona sul do Rio de Janeiro. O projeto surgiu com apenas R\$140, como fruto da iniciativa de Regina Tchelly, mulher paraibana que tem a missão de mudar a relação das pessoas com a comida. A ideia é

promover a resistência pela alimentação saudável através de oficinas, mutirões de hortas comunitárias, e até pinturas de receitas nos muros da Babilônia e do Chapéu Mangueira com o projeto #ReceitasAoArLivre.

Para a nutricionista Gisele Sant'Anna, é preciso que as pessoas preparem a própria comida. "Além de ser mais prazeroso e saudável, é mais econômico. Frutas e vegetais da estação possuem mais propriedades nutricionais, além de serem mais baratos! Mamão, maracujá, batata doce, cenoura, espinafre são exemplos de alimentos que estão na safra nessa época do ano!". Segundo ela, o caminho para se introduzir alimentos mais naturais, a chamada comida de verdade, é através da educação nutricional por meio de ações sociais, palestras e rodas de conversa nas escolas, igrejas, associações de moradores, unidades básicas de saúde. Nesse caminho, a Favela Orgânica vai na direção certa, rumo à alimentação verdadeiramente saudável.

EXEMPLOS DE ULTRAPROCESSADOS

Macarrão instantâneo, biscoitos em geral, misturas para bolo, pizza e demais produtos congelados, balas, salgadinhos de pacote, sorvete. Ainda de acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira, para saber se o produto é ultraprocessado, basta procurar a lista de ingredientes no rótulo.

Quando há mais de cinco, incluídos realçadores de sabor, emulsificantes, e demais produtos que não sabe-se nem o que é, pode ter certeza: é ultraprocessado e faz mal!!!

Capa do Guia, documento essencial para toda a população. Foto: Divulgação

GUIA ALIMENTAR PARA A POPULAÇÃO BRASILEIRA
2ª Edição
Brasília - DF
2014

ALIMENTAÇÃO

ATITUDE SUSTENTÁVEL

Horta orgânica

Realidade para mulheres periféricas

Verônica Silva, Beatriz Carvalho e Denise Santos

Dariamente vários tipos de alimentos naturais chegam nas mesas dos brasileiros. Essa possibilidade vem através da agricultura, geralmente desenvolvida nas zonas rurais. Produtores desenvolvem atividades de plantio e, no caso dos pequenos produtores, geralmente a mão-de-obra está associada aos familiares. É a chamada agricultura familiar.

Um outro tipo de cultivo são as hortas comunitárias, que estão se espalhando pelo espaço urbano. Nesse caso, muitas iniciativas são formadas por mulheres moradoras das favelas cariocas que quase sempre são incentivadas a começar uma plantação nos espaços vazios das comunidades.

“ATITUDE”, A HORTA DO SALGUEIRO

É o caso de Denise Santos, que deu início a uma horta chamada Atitude no Morro do Salgueiro, na Tijuca. Após perceber que o terreno ao lado de onde realiza seus projetos sociais era ideal. Assim, a repórter comunitária buscou capacitação voltada para o cultivo de horta orgânica livre de agrotóxico, na ONG Ação da Cidadania de combate à fome. Denise conheceu o projeto Planta na rua, do Vidigal. Assim, sentiu confiança para prosseguir. A horta Atitude está à disposição dos moradores do Salgueiro através de doações feita pela própria. Denise Santos também é orientadora educacional da horta. Já que muitas pessoas ainda não sabem como o plantio é feito. Treinar a coletividade. Para que a conservação da natureza e a alimentação saudável exista.



Denise Santos cuidando da horta Atitude, no Morro do Salgueiro

“Estamos conseguindo trazer os moradores para cultivar em suas casas. Alguns dizem não ter espaço. Mas você pode fazer uma horta suspensa. ‘Quer semente? Tem semente aqui. As pessoas aceitam de alguma forma e acabam sendo multiplicadoras”, incentiva Denise.

Ainda na Zona Norte, no Morro Pedra do Sapo, Complexo do Alemão, Josefa Maria vive realidade parecida. Ao receber formação técnica de plantio pelo Verdejar. Projeto que realiza atividades de educação ambiental. A partir do curso, a aposentada, de 64 anos, começou a horta comunitária.

“Aqui no morro [Pedra Sapo], estou incentivando as pessoas a fazerem suas plantações. A ocupar esses espaços no Complexo Do Alemão para fazer esse tipo de trabalho. Meu desejo é que várias mulheres da favela tenham suas próprias hortas

orgânicas. Plante em casa, plante do lado. Eu já comecei”, conta Josefa. Maria.

A falta de incentivo do Governo, o impacto no preço e o uso de veneno nas plantações são algumas desvantagens apontadas pelos pequenos agricultores. A FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação), busca solucionar tais problemas, com pressão nos governantes na procura de subsídios e recursos para os trabalhadores rurais.



Josefa Maria criou uma horta comunitária no morro da Pedra do Sapo, no Complexo do Alemão

“Às mulheres peço que estejam juntas. Somos provedoras e nada mais importante que saber como foi cultivado o alimento que colocamos na nossa mesa”

Elaine Silva, Vargem Grande, especialista em agricultura permanente, sobre a importância da mulher agroecológica

CIDADE PARA POUÇOS

ESPORTE E DESIGUALDADE

Skatistas periféricos enfrentam problema na cidade maravilhosa

Com altos preços das passagens, e concentração de pistas em poucos lugares no Rio fica difícil praticar o mais novo esporte Olímpico

Nicolas Bezerra

No país do futebol, o skate é um dos esportes que mais cresce. Tendo mais de 2,7 milhões de skatistas no Brasil, o mais novo esporte olímpico pode ser visto sendo praticado em todos os cantos do país. Mas, é nas periferias que saem a maioria dos grandes nomes do skate nacional como Luan de Oliveira e Rayssa Leal. No Rio, a realidade dos skatistas periféricos é difícil. Entre tantos problemas destaca-se: a falta de qualidade das pistas

já construídas nas periferias; a concentração de boas pistas em poucas regiões da cidade.

Até existem pistas menores pela cidade, mas quase todas foram mal feitas. Já imaginou a prefeitura construir um campo de futebol sem gol? Essa é a realidade nas periferias, um exemplo é a rampa construída no IAPI da Penha, feita para dizer que fez. Essa falta de estrutura em projetos menores gera principalmente: dificuldades de evolução, riscos a vida, desânimos. Sem ter pistas menores, como construiremos os nossos futuros representantes nos jogos olímpicos?

Grande parte dos skatistas cariocas são da periferia do Rio de Janeiro, mas as pistas são concentradas em poucas áreas da cidade. Mesmo existindo o parque de Madureira, os skatistas precisam se deslocar por certas distâncias para chegar até lá, pois a falta das pistas espalhadas gera uma concentração nessas outras áreas. De qualquer forma muitos skatistas ficam impossibilitados por não conseguirem pagar a passagem e sanar outras necessidades. Já imaginou se só existissem campos de futebol públicos concentrados em algumas áreas, e perto de casa apenas umas quadras sem gol, sem rede, sem nada?

Jovens periféricos possuem dificuldades em praticar o esporte tão querido pelos brasileiros. Seja por falta de pistas perto de suas casas, ou pela má construção de diversas pistas. Portanto,



RAMPA DE SKATE NA VILA DA PENHA: TRANSIÇÃO DA RAMPA PARA O CHÃO FOI MAL ONSTRUÍDA.

existe a necessidade destes skatistas construírem sua força coletivamente para fazer valer sua cidadania. Seja organizando um abaixo-assinado, reivindicando a realidade na secretaria de esportes, mostrar que existem espaços de sobra para simples e ótimas pistas em diversos locais periféricos.



Movimento Nacional da População em Situação de Rua - MNPR

Ilustração: Carlos D



Maciel Santos

O MNPR surgiu em 2004, na Praça da Sé, em São Paulo, por conta de uma chacina que vitimou sete moradores de rua. Esse episódio gerou a mobilização dos demais estados da federação, com uma grande manifestação em Brasília, em 2009. O protesto culminou na assinatura do Decreto 7053, em 23 de dezembro de 2009, sancionado pelo ex-presidente Lula. O decreto institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua.

Alguns princípios dessa política são: respeito à dignidade da pessoa

humana; direito à convivência familiar; atendimento humanizado; respeito às condições sociais e diferenças, com atenção especial às pessoas com deficiência.

Durante esse processo, foi realizado, pelo Movimento, um seminário na Igreja de Santana. A partir daí o MNPR assume protagonismo no Rio de Janeiro com a atribuição de lutar pela efetivação da lei no Estado e no Município.

De 2010 até aqui, muito embora a Prefeitura tenha aderido à política, avanços continuam em disputa. Ainda mais com a atual conjuntura, os desafios de fazer valer a lei são maiores.

CULTURA DE MASSA

DISPUTA DE NARRATIVA 2

Como as favelas e a Baixada são retratadas nas novelas

Personagens desses locais aparecem ligados à violência

Douglas Colarés

O brasileiro é apaixonado por telenovela. Ela é ainda, nos dias de hoje, o produto mais assistido no país, com média de 35 milhões de telespectadores, segundo o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope).

É a novela das nove a que mais atrai atenção. É destaque em capas de revista, assunto em rodas de conversas e tema de pesquisas. Sua reprodução do mundo real, entretanto, muitas vezes pode ser distorcida, principalmente quando o retrato é de lugares mais pobres.

“Vidas Opostas”, novela de 2007 da Record, foi a primeira história com protagonismo em uma favela. Antes disso, tramas passadas no Rio de Janeiro costumavam privilegiar a “beleza” da Zona Sul. O autor Marcílio Moraes explica a dificuldade de exibir uma história em que a maioria dos personagens eram favelados. “Hoje parece trivial, mas em 2006, quando ela estreou, ferrados e suburbanos protagonizarem histórias em horário nobre era tabu nas emissoras e agências de publicidade”, conta. A obra fez sucesso ao exibir de forma explícita a violência com a desculpa de exibir a realidade.

Dois anos depois, a Rede Globo lançou “Duas Caras”, centrada na disputa de poder entre a favela e um condomínio de luxo. Ainda que a favela tenha sido apresentada como pacífica, a baixa audiência obrigou o autor, Aguinaldo Silva, a inserir violência para chamar atenção do público. Além disso, mesmo tratado

como um personagem do “bem”, o protagonista Juvenal se tratava de um miliciano. Essas duas obras serviram de modelo para outros enredos passados em favelas, sempre tratando esses territórios de forma superficial, como em “Salve Jorge”, “Babilônia”, “A Regra do Jogo” e “A Força do Querer”.

REALIDADE LIMITADA

As duas primeiras trouxeram favelas reais, com gravações nos locais. Jaqueline Santos, moradora do Alemão, diz que “Salve Jorge” até saiu do lugar comum da violência, mas foi para outra representação exagerada: “Ela não relatou de verdade todas as necessidades, dificuldades e sofrimentos que o morador passa. Só demonstrou um ponto de vista alegre. Passava a impressão de que estava tudo ótimo, que lá era o melhor lugar do mundo para se viver. Mas na verdade, por trás das câmeras, continuava tudo igual. Sem saneamento básico, sem acesso a cultura, escolas e saúde”.

Outra marca dessa representação da mídia diz respeito ao papel do negro nas narrativas. 54% da população brasileira é negra. Mas, segundo levantamento do GEMAA – Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa, somente 10% de negros compõem o núcleo central das novelas globais. A maior parte desses personagens é inserida em núcleos pobres, reforçando outros estereótipos. A atriz Sheron Menezes é um exemplo, interpretando moradora de favela em “Duas Caras”, “Aquele Beijo”, “Lado a Lado” e “Babilônia”.



“REFORÇA A VISÃO DE QUE É A PARTE POBRE DO RIO, A MAIS SOFRIDA, UM RETRATO QUE ACABA INFERIORIZANDO E MOSTRANDO SER UM LUGAR POBRE E ‘CAIPIRA’”.

OLHAR SOBRE A BAIXADA

Longe da atenção dada à capital, a Baixada Fluminense sempre foi desprezada. A atual temporada de “Malhação”, mesmo passada em Caxias, desenvolve a história a partir de um sequestro ocorrido na cidade. Ainda que conte com personagens orgulhosos do local, outros, da elite, apresentam falas de desprezo. Da mesma forma, Seropédica é citada em “A Regra do Jogo” como cenário de uma chacina. Victor Marques, “noveleiro”

e morador dos dois municípios, diz que a Baixada é sempre exibida como feia: “Reforça a visão de que é a parte pobre do Rio, a mais sofrida, um retrato que acaba inferiorizando e mostrando ser um lugar pobre e ‘caipira’”.

Percebe-se que a ficção insiste em criminalizar determinadas localidades e populações. A novela acaba por reproduzir preconceitos, intensificando o julgamento de que pobreza é sinônimo de banditagem.

AS VOZES DA PERIFERIA

RESISTÊNCIA E POESIA

Batalhas de Slam abrem espaço a poetas de rua

O movimento que grita resistência pela voz da poesia

Bárbara Amorim e Eduarda Fernandes

Poesia. Segundo o dicionário Aurélio, é a arte de fazer obras em verso. A arte, geralmente elitizada, é viva e está em todo o canto. Não se encontra apenas nos museus frequentados pela classe média, é também do povo e para o povo. Exemplo disso é o Slam, a batalha de poesia falada, que costuma acontecer nas ruas. Nela, as pessoas têm normalmente três minutos para recitarem seus versos, sempre autorais. Quem se apresenta são os slammers, como são chamados os participantes.

Apesar de serem recentes no Brasil, as batalhas existem nos Estados Unidos desde os anos 1980, onde foram criadas, em Chicago. O idealizador foi Mark Kelly Smith, um poeta com desejo de transformar a poesia em algo menos acadêmico. Em nosso país, o Slam só chegou décadas depois, em 2008, através da atriz e slammer Roberta Estrela D'Alva. Ela organizou o ZAP (Zona Autônoma da Palavra). Estava assim criada a primeira competição de Slam em terras brasileiras.

Nas rodas de poesia versificada, os temas variam muito. Não é uma exigência

falar de questões sociais referentes às minorias. Também há espaço para temas como o amor e versos de humor. Entretanto, é mais habitual encontrar vozes que narram e expõem o racismo, a violência contra a mulher e a LGBTfobia, por exemplo. Por esse motivo, o Slam tem se tornado um movimento de resistência cada vez mais potente. É uma forma de determinados grupos da sociedade mostrarem suas visões de mundo. Mais do que isso, é uma maneira de dizer ao mundo que eles existem.

ACEITAÇÃO DAS DIFERENÇAS E LICENÇA POÉTICA

Segundo Chal Enigma, poeta e ator nascido em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, o Slam é importante por aceitar as diferenças. Ele acredita que não somos todos iguais, nem precisamos ser, mas que o respeito, a empatia e o amor devem existir.

“Acho que o mais importante é poder gritar tudo aquilo que você já grita em silêncio na sua própria mente. Tudo o que pensa, mas nunca colocou para fora. No momento em que você fala, percebe que não é a única



Foto: Tathielle Góis

Apresentação do Slam laje no Complexo do Alemão.

pessoa que pensa assim.”

Algo interessante sobre o Slam é que nele a mensagem importa mais que a escrita em si. Erros ortográficos e gírias são mais que permitidos pela licença poética. É um tipo de manifestação artística essencialmente expressiva. Não por acaso, o olhar, a entonação da voz e os movimentos corporais são tão presentes nas batalhas.

A BATALHA DAS MULHERES PELA IGUALDADE

Slam das Minas ocupa as rodas e deixa sua mensagem

Por ser uma manifestação artística mais periférica, além da questão da resistência, o Slam é uma forma das pessoas se sentirem representadas.

O Slam das Minas surgiu no Distrito Federal em 2016, e abriu espaço para as mulheres falarem para outras mulheres. Esse movimento cresceu tanto que em três anos já tinha edições em outros estados, como Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo e Rio Grande do Sul.

O Slam das Minas é feito por mulheres cisgênero (aquelas que nasceram com o sexo feminino biológico e se reconhecem assim) e transgênero (que não se identificam com o sexo biológico de nascimento). Nas batalhas, elas mostram que podem ocupar os espaços que quiserem e falar sobre os mais diversos assuntos.

Por ter ganhado destaque entre os jovens, as poesias são capazes de gerar debates mais essenciais a esse público. Assim, muitas meninas deixam de receber somente a visão masculina sobre várias áreas da vida. As slammers falam dos seus corpos, das suas vontades,

dores e sonhos. Ocupam as rodas para deixar claro que lugar de mulher é onde ela quiser.

A História mostrou que toda e qualquer conquista feminina foi resultado de uma grande batalha. Primeiro, a luta pela alfabetização. Depois, o direito de votar. Nada nunca foi nos dado de graça. No dia 24 de março deste ano, o Slam das Minas de São Paulo realizou o primeiro torneio nacional de poesia falada. A entrada foi exclusiva para mulheres cis e trans. O evento foi mais uma conquista e prova de que o Slam feito por elas é arte, luta e empoderamento.

TEVE SLAM NA FLIP 2019

Este ano, a poesia falada também ganhou lugar de prestígio na FLIP, a Festa Literária Internacional de Paraty. Foi criado um torneio com poetas nacionais e internacionais. A competição foi realizada no dia 12 de junho, no Auditório da Praça. Quem selecionou os nomes dos artistas foi Roberta Estrela D'Alva. O evento ainda contou com a publicação do livro “Querem nos calar”, da escritora e slammer Mel Duarte.

“Acho que o mais importante é poder gritar tudo aquilo que você já grita em silêncio na sua própria mente. Tudo

o que pensa, mas nunca colocou para fora. No momento em que você fala, percebe que não é a única pessoa que pensa assim.”

Chal Enigma

